



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Claudino Dal'Alba FG174

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.006.SIN e TRA

Entrevistado/a: Claudino Dal'Alba

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 13 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Imigração italiana (primeira leva): relato de viagem, propaganda, vida na Itália, procedências, adaptação, alimentação, religiosidade, êxito (motivos), educação.

Linho: fiação e fabricação de tecido.

Comércio do vinho: vitivinicultura, transporte, compradores. Agricultura familiar: culturas.

Comercialização dos produtos da colônia.

Transporte de mercadorias: rotas, carretas.

São Marcos: etnias, pinheiros (comércio da madeira), construção da estrada que liga a localidade de Ana Rech, a família Fronza.

Carreteiros: pouso (galpões - Baratieri e Santini).

Ponte dos Korff: material, ligação de Criúva a São Manuel.

O trabalho infantil na colônia.

Arquitetura: casas coloniais (separação da cozinha do resto da casa).

Viticultura: sulfatação das parreiras.

Meio ambiente: pinheiros (plantação e corte), consciência ecológica, atuação do IBAMA (burocracia).

Transcrição:

Sônia: Seu nome, por favor?

Claudino: Claudino Dal'Alba.

Sônia: A data de nascimento, seu Claudino?

Claudino: Em dezenove de outubro de [19]22.

Sônia: Onde o senhor mora?

Claudino: Eu moro no Travessão Claro, que agora é município de Flores da Cunha, mas quando eu nasci era município de Caxias.

Sônia: O senhor nasceu ali?

Claudino: Sim. Eu estou ainda morando na mesma terra que o meu avô comprou quando ele veio da Itália, junto com o meu pai. O meu pai e a minha mãe vieram da Itália. Os dois pequenos, né? O meu pai até veio junto com o Abramo Eberle. Eles brincavam no navio juntos.

Sônia: O que eles falavam assim do navio, da viagem?

Claudino: Olha, coisas boas não, triste. Aconteceu casos tão tristes que o avô da... por parte da mãe, morreram três filhos na viagem. Agora, imagina o que era para um casal perder três filhos, três filhos homens, que só ficou, restaram as mulheres! Por isso que, por parte da avó, da minha *nonna* materna, não ficou mais o nome dos Alpa, que era Alpa, né? Morreram os filhos homens e o nome dos Alpa não sei se existe ainda. Só na Itália eu acho.

Sônia: Só na Itália? Eles morreram de quê? Foi doença que deu no navio?

Claudino: Porque..., sim..., Pequeninhos, né? Foi doença no mar, é, e atiravam no mar, sepultavam no mar.

Sônia: E o que mais eles contavam dessa viagem? Por que eles vieram para cá?

Claudino: Olha, a minha *nonna*, o meu *nonno* materno, eram pobres, pobres, não tinham nada e naquele tempo eles ouviram falar da América, né? E, então, eles sabiam que aqui tinha terra, que davam uma colônia, que podiam comprar barato e tal. Eles se entusiasmaram e saíram, mas depois a minha *nonna* materna, quando ela chegou aqui, já sem os três filhos, ela dizia que nunca tivesse saído da Itália, ela dizia, sabendo o que ela sabia, né? [emoção]. E assim..., foi triste a viagem deles. Mas, não só a deles. Muitas, quase todas as famílias perderam filhos, crianças pequenas, né? Crianças pequenas adoeciam e morriam. Hoje não seria mais assim. Mas naquele tempo não tinha remédio, diz que tinha remédio no navio, mas quem sabe lá, coisinha que não adiantava, não adiantava. Quando adoeciam geralmente as crianças morriam. E, quando eles vieram aqui..., já foi em 1886. E, então, o meu falecido pai, que era criança, o meu *nonno* paterno ele comprou uma colônia, e hoje eu estou vivendo ainda na mesma terra.

Sônia: E eles eram agricultores lá na Itália?

Claudino: Sim, eles eram agricultores. Eu me lembro que a mãe e o meu pai, toda a família, plantava também linho. Linho, e depois, eles tinham as maquininhas, simples, é, aquelas *mulinela* que chamavam, a *gràmola* e outros aparelhinhos. Fiavam, fiavam o linho e faziam o...

Sônia: Tecido?

Claudino: É, para fazer tecido. Eles não tinham tear para fazer o tecido. Então, eles traziam aqui em Caxias, ou em Galópolis, que tinha o tear para fazer esta fazenda, o linho, que ainda eu guardo em casa lençóis de linho que, não que a gente ocupe, mas só se guarda como lembrança, é como relíquia aquilo. E, depois, o meu pai foi um dos primeiros a cultivar a parreira. Ele plantava os parreirais e foi um dos primeiros que teve cantina de vinho. Cantina registrada e ainda hoje está lá a cantina, que a mãe do Tiago, que tem até aquela casa onde eu nasci. Eu moro na mesma colônia, mas um pouco retirado. E naquela cantina o pai fazia o vinho e vendia. Vendia o vinho e naquele tempo eles vinham buscar com as tropas, tropas de mulas e botavam dois barris em cada mula e iam pra Santa Catarina, pra Torres, pra Laguna, lá para cima, iam levar o vinho. Quantos dias que levavam eu não me lembro, mas era o vizinho de lá que tinha tropas de mula e que levava o vinho. Agora da Itália, eles contavam tantas histórias. Eu acho que eles passaram muito frio na Itália, pelo que eles contavam, né? Porque eles diziam que na Itália eles passavam o inverno frio, e passavam dentro das estrebarias, junto com os animais.

Sônia: Para aquecer?

Claudino: É, para aquecer um pouco e, enquanto lá, eles fiavam também. Fiavam, faziam aquele fio de linho, e trabalhavam assim. E vieram pra cá, e aqui os primeiros anos foram duros também para eles. Me lembro que o pai se lembrava, diz que a primeira polenta que eles fizeram aqui, eles ligaram ela em cima de um tronco de pinheiro que tinham cerrado, derrubado, então, botaram a polenta, a polenta lá em cima. E pra comer..., e passaram bastante tempo, durante o ano era de pinhão, né? Pinhão, porque aqui estava tudo coberto de pinhal, de pinheiros e depois tinha muita caça. O meu avô Luigi Dall'Alba, ele matava muito porco do mato e com aquilo diz que dava para comer, né? Assim eles começaram a vida. Porque nos primeiros anos, nos primeiros anos não dava trigo, milho ainda dava, mas trigo não dava. E eles lá na Itália tinham moinho, moinho de trigo e de milho, que era o *Valle Dell'Oro*, no fundo do *Valle Dell'Oro*. O meu pai ele veio de San Rocco, de Trento, província de Vicenza. A minha mãe foi de *Torreselle*, era perto uns vinte quilômetros. Lá eles tinham moinho e também ferraria. Eles trabalhavam de ferreiros também. E, quando vieram para cá, então, os primeiros anos não dava, não dava. Trigo, então, era difícil, né? Mas milho, dava milho. Então, eles fizeram a polenta. Experimentaram até a cozinhar raízes de..., nós chamamos de amaranto. Era uma erva que vem na roça nova, né? Ela faz que nem uma espiga, uma semente que

dava pra fazer..., bem cor de vinho bordo, que dava para fazer tinta com aquilo e faz uma raiz que nem a mandioca. Então diz que até eles experimentaram cozinhar aquelas raízes para poderem matar a fome. Mas é ruim aquilo, não deu pra comer. E depois prosperaram. Olha, o meu pai depois que ele ficou grande, que ele casou, teve uma família de treze [filhos], que eu sou o número doze. E ele sempre trabalhou, eles venceram. Eu sempre digo assim, eles venceram por três motivos: um era vontade de trabalhar, que eles tinham; o outro a economia; e a fé. A fé que tinha essa gente! Olha, eles eram muito religiosos, gente de muita oração. A minha *nonna* paterna escrevia cartas para o Vigário lá de San Rocco, na Itália, dizendo assim, eu me lembro sempre, tenho um livro que foi feito o centenário de nossa família, então, ela escrevia e o padre lia no púlpito, na igreja, as cartas que ela mandava para lá. Então, ela dizia assim: “O que importa...”, -ela dizia em italiano, “O que importa possuir muito terreno”, ela dizia, “se aqui não tem nenhum padre, nenhuma igreja perto?”. Eles sentiam a falta do padre, a falta de uma igreja para poder se reunir, para rezar juntos. E, então, a minha *nonna*, nos primeiros anos quando ela veio para cá, na casa dela, ela era catequista. Ensinava as crianças o catecismo, as crianças dos vizinhos. O meu pai também, depois, quando ele ficou maior, ele foi catequista. Ensinava, já na igreja, a igreja lá de São Valentin, ele ensinava o catecismo para as crianças passarem a primeira comunhão. Era um homem..., nunca teve estudo, nunca foi para a escola, mas ele escrevia e lia, muito inteligente para fazer contas, tudo, tudo. Mas ele nunca foi para a escola, nada, mas ele tinha uma cabeça boa, né? E ele aprendeu assim por si. Tanto que na nossa família, eu tive oito irmãs e uma passou paralisia infantil e ela ficou deficiente, muito deficiente, e outra morreu com quatorze anos de uma infecção, de uma ferida e, senão, as outras todas foram professoras, professoras. Até no tempo que ia para a escola, há sessenta e cinco anos, a professora era a minha irmã. Nós andávamos mais ou menos quatro quilômetros para ir pra a escola e a gente voltava da escola para ir..., ficava na escola até na hora do recreio, e a gente voltava para ir levar comida na roça, onde trabalhavam os irmãos mais velhos. Um detalhe da escola, que eu me lembro, era que houve uma época... não era sempre, mas houve um ano, ou mais de um ano, que tinha sessenta e dois alunos na escola e uma professora só! Isso é mais ou menos um pouco da história dos primeiros imigrantes.

Sônia: E assim o que que vocês plantavam?

Claudino: Plantavam?

Sônia: Que produtos vocês plantavam?

Claudino: Olha, um pouco de tudo, como sempre. Cultivavam parreiras sempre, foi um dos primeiros a cultivar parreiras. Parreiras, milho, trigo, feijão, batata, verduras. Horta, sempre, mas sempre tiveram vacas de leite. Me lembro, a mãe sempre fazia os queijinhos, criava porco, porque o

meu pai foi um homem..., não rico, nada de rico, mas remediado sim, remediado. Não faltava nada na casa do pai. E depois, começou o tempo das carretas, dos transportes, era feito principalmente do vinho, da uva e madeiras, tábuas dos engenhos. O meu pai foi um dos primeiros que teve terno de carreta com oito mulas, e puxavam madeira. Por exemplo, ali em São Marcos era um lugar, São Marcos lá dos polacos, agora município, era um lugar que era coberto de pinheiros, mas dos pinheiros de lá veio a madeira para cá, tudo transportado em carretas. Carretas de tração animal. E assim...

Sônia: E esses pinheiros de quem eram?

Claudino: Hã?

Susana: E esses pinheiros que eles cortavam, eram de...

Claudino: Eram dos proprietários de terras de lá. Era feita a reforma agrária. Os colonos, cada um tinha a colônia, mas estava coberta de pinheiros. Então tinha gente, como os Fronza, que foram aqueles que fizeram a estrada desde a encruzilhada de Ana Rech até São Marcos, foi feita por essa família, os Fronza. E todo mudou, ajudou, né. Mas essa estrada também foi feita, como todas naquele tempo, de picareta, pá e picareta, só. Não tinha trator, não tinha patrôla, não tinha nada pra fazer aquelas estradas, né? Então, como os Fronza foram um dos primeiros que tiveram engenho lá em Pedras Brancas... Então lá os colonos vendiam os pinheiros pra eles. Vendiam e até faziam questão, porque limpava a terra para fazer a roça. Então, as tábuas eram trazidas de carreta para cá. Tinha uma fila de carreta. Tinha os pousos para as carretas na beira das estradas. Me lembro, ali tinha o Baratieri, tinha o Santini, eles tinham os galpões grandes. Os carreteiros chegavam de noite, botavam as mulas dentro da estrebaria, tratavam, davam água ali e tudo, para no dia seguinte seguir viagem. Porque não dava para fazer uma viagem, por exemplo, de São Marcos a Caxias, carregados de tábuas num dia, não dava, né. E assim foi a vida dos primeiros. Depois, um irmão meu, também, foi morar em Serra do Meio, que agora é distrito lá do Município Campestre, logo para lá da Antas, em cima do morro, entre São Manuel e São Bernardo. Então, de lá também traziam o milho para cá de carreta. Mas precisava quatro dias para fazer uma viagem. A gente passava a ponte dos Korff, lá de Criúva a São Manuel. Ainda existe aquela ponte de ferro. Eu era criança e fui junto com o meu irmão numa viagem de carreta. Parecia que a gente ia na lua [risos] para ir até lá. É isso!

Sônia: E a sua vida, conta um pouquinho do seu trabalho, da sua infância?

Claudino: A minha vida? Olha, eu tenho saudade, vamos dizer, da minha infância, porque como eu estava dizendo, o meu pai foi um homem meio remediado como se diz. Mas só que a gente tinha que trabalhar desde pequeno. Desde pequeno, com sete, oito anos, a gente ia levar comida na roça e

depois ficava lá junto trabalhando. A gente fazia o que podia, mas eu sei que o pai arrumava uma enxadinha pequena para nós, guris, para aprender. E a gente foi indo, foi indo, assim. Porque eu estudei naqueles tempos, há sessenta e cinco anos, imagina! A gente falava italiano na escola! [risos]. Não tinha nada [risos]. Então, ainda bem que a gente aprendeu. Mas eu, depois, eu fui um que pratiquei um pouco. Por exemplo, ler, eu gosto o dia de hoje também, eu tenho revistas, tenho jornal, eu gosto de ler imensamente. Bom, eu gosto. Então, eu fui praticando, assim, né? E a minha vida não foi, não foi, como dizer..., tantos passaram dificuldades, eu não me queixo da vida que eu tive, dos pais, da família, dou graças a Deus sempre de ter nascido numa família assim.

Susana: E o senhor sempre trabalhou na roça?

Claudino: Sempre, sempre. Eu tive, tive um tempo, mas sempre trabalhei na roça. Um tempo eu tive uma pequena firma, assim de vime, trabalhava com coisas assim, mas sempre trabalhei na roça, principalmente com parreiras. Eu trabalhei sempre com parreiras, principalmente.

Susana: E em que horário vocês costumavam levantar para começar a trabalhar? E a sua mãe também, o senhor se lembra disso?

Claudino: Me lembro. A minha mãe era uma madrugadeira [risos]. Ela fazia o serviço, ela aprontava o café e tudo. Depois ela vinha na casa, porque a casa era separada naqueles tempos, ninguém tinha cozinha e casa junto, porque tinham medo do fogo. Muita gente queimou a cozinha. Era fogo de lareira, aquilo de certo que alguma, alguma coisa acontecia, que era fácil pegar fogo a cozinha, né?. Então, muita gente, eu me lembro também de gente que queimou criança dentro da cozinha, por isso que eles faziam separada. Então, a mãe ia para a cozinha e lá preparava o café, preparava a comida e depois ele vinha arrumar os quartos. Então, a gente, ela chamava nós, fazia nós levantar um pouco mais tarde. E nós acompanhávamos ela, enquanto ela ensinava as orações. Eu me lembro sempre de nós acompanhando de um quarto para o outro, assim ela ensinava as orações para nós, enquanto ela arrumava os quartos.

Susana: Que idade o senhor tinha na época?

Claudino: Ah, sete, oito anos, assim nove, uma coisa assim, né?

Susana: E ela ajudava o seu pai na?...

Claudino: Na roça, mas sempre, sempre.

Susana: Na roça?

Claudino: Agora era uma família grande, então tinha muitas irmãs, quase sempre uma ficava em casa. Mas, a mãe gostava mais de ir para a roça do que ficar em casa, né? Eu tinha uma irmã que

gostava mais de ficar em casa. Então, aquela ficava fazendo a comida em casa e, então, nós íamos na roça.

Susana: E ao meio dia voltavam para almoçar ou levavam?...

Claudino: Bom, conforme, porque nós tínhamos terra também separada, mais longe. Quando nós trabalhávamos naquela colônia lá em roda de casa, a gente voltava comer em casa de meio dia. Mas, quando a gente ia trabalhar na outra, na outra terra, que ficava a uns dois quilômetros longe, então lá nós tínhamos que levar a comida, né? Então, quem levava a comida eram as crianças que iam para a escola, elas ficavam até o recreio, como eu disse antes, e depois voltavam para casa, pegavam a cesta da comida e a gente ia levar na roça. E depois ficava na roça ajudando.

Susana: E vocês, na época, o seu pai precisou contratar empregados para trabalhar na roça ou o trabalho era resolvido com a família?

Claudino: Sim, é com a família só. Às vezes, algum dia, tinha os parentes, os primos, que gostavam muito de vir trabalhar com nós. E, então, até arrumamos, me lembro que tivemos peões lá em casa. Um ficou um ano, outro ficou outro ano. Três nós tivemos assim. Mas quase que eles se ofereciam. Um veio lá uma vez e pediu, um primo, ele pediu por favor, ele disse: “Tio, o senhor me dá serviço que eu quero ficar aqui com vocês [para] trabalhar”. Então eles ficavam assim. Senão, geralmente, tudo era feito com a família só.

Susana: E, na sua opinião, o que era mais difícil de trabalhar na roça, que exigia mais de trabalho, de sacrifício?

Claudino: Olha, naquele tempo o pior serviço na roça era dar sulfato para as parreiras, porque tinha aquela maquininha nas costas, e a gente carregava aquela maquininha e eu vinha com uma lata levar o sulfato, despejava dentro, a gente ajoelhava com o joelho no chão e botava, enchia a máquina de novo, depois, bombeando com a mão. Aquilo era um sacrifício que, quando eu ia trabalhar o dia inteiro, eu ficava com febre de noite.

Susana: Bah!

Claudino: Aquilo era, para mim, o pior serviço que tinha na colônia pra fazer.

Susana: E agora não é mais sulfato? Como é que é agora?

Claudino: Não, agora é tudo mecanizado, tudo com bomba, motor elétrico. Naquele tempo não tinha nada na colônia. Hoje tem luz, hoje tem telefone. Hoje tem tudo na colônia, como tem na cidade, a mesma coisa... Até tem muita gente que diz assim: “O senhor já é velho, porque não vai

morar na cidade, isso e aquilo”, mas eu digo: “Olha, mas se é para ir para a cidade me botem na cadeia então, eu fico” [risos]. Mas, senão, eu não vou sair da colônia nunca.

Susana: E o que a terra significa para o senhor? A terra?

Claudino: A terra?

Susana: A sua propriedade.

Claudino: Olha..., por ela ter pertencido ao meu *nonno* e ao meu pai, eu tenho respeito grande pela minha terra. Eu gostaria, porque hoje falam muito de ecologia e disso e daquilo, e porque não dá para cortar uma árvore, e que isso, eu gostaria que fossem lá esses do [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis] IBAMA, essa gente assim, que fosse lá para ver como eu preservei a minha propriedade. Eu tenho um pedaço de pinheiro que o meu pai plantou e eu ajudava, né, e eu ajudava, e agora são pinheiros já de sessenta centímetros, e menos também, e mais também. Mas tem muito pinheiro, só que a gente não pode cortar, porque hoje é do governo, viu, não é mais nosso. Mas eu não corto, eu não corto. Mas eu acho até uma coisa um pouco, um pouco, não é bem justo isso, porque eu planto todos os anos os pinheiros. Por isso, eu digo que eu gostaria que fosse para ver se a minha terra tem lugar que foi estragado pela erosão, se não foi..., se não tem mato em cima. Que eu até há pouco tempo tinha um pedaço de mato nativo, mas de árvores que secaram mesmo, árvores que não resistiram. Cortei aquilo e plantei pinheiros, mas pinheiro dos nossos, araucária, né? Não dos outros pinheiros. E todos os anos eu planto. Eu tenho pinheirinho pequeno, [inaudível]. Eu encho o bolso de pinhões e vou botando na terra que nem as gralhas [risos]. Assim, né? Eu gosto, porque o meu pai me ensinou assim. Eu me lembro da *nonna*, quando veio da Itália, que lá eles não tinham lenha, quando se viu aqui no meio do mato, ela dizia: “*Qua siamo signori*”, “aqui nós somos ricos”, ela dizia. E sabe que ela entrava no mato, juntava os gravetos..., os gravetos finos quase que nem fósforo, secos, que tinha lenha que podiam queimar aos montes. Mas, ela lembrando que na Itália não tinha lenha, né? Por isso que eu falei antes, que eles tiveram de ter passado muito frio na Itália, porque ela sempre falava da lenha que aqui tinha para se esquentar, para fazer fogo à vontade e lá não tinha. Ela se queixando tanto do frio da Itália! E, por isso, que eu digo que..., eu aprendi assim. Eu acho que em vez de tanto proibir, por exemplo, eu tenho lá trezentos, quatrocentos pinheiros, em vez de tanto proibir, tu não pode cortar um, deveriam instruir o pessoal, ensinar, dizer plante e tu pode de vez em quando cortar, né? Isso que eu acho que deveria ser. Agora, se um corta um pinheiro e leva na serraria e, se pegam, é uma multa grande, né? E é uma coisa errada, porque eu tenho um mato nativo ainda e tem árvores, árvores que secam, aquelas árvores secam por si e apodrecem lá no mato e daria pra aproveitar, fazer madeira, tábua, fazer um galpão, um chiqueiro, ou alguma coisa, né? Mas se a gente vai, uma vez eu fui fazer uma

licença para cortar um pouco de lenha..., meu Deus, olha o que eu caminhei! De Herodes a Pilatos e Caifás, e não sei onde [risos] pra poder conseguir. *Má Dio*, essa burocracia! O colono não tem tempo para perder assim. Não tem tempo, ele fica nervoso, não dá! E um dia, dois e três, e daqui tem passar lá e tem que... Não, não, não, eu disse nunca mais eu vou mexer em nada. Eu digo, olha e pronto, que fique lá na terra assim, mas eu não vou atrás.

Susana: Os produtos que vocês produziam na colônia eram comercializados? Os preços eram justos?

Claudino: Olha, o meu pai me contava que nos primeiros tempos, quando eles precisavam comprar fósforos, café, açúcar, o que não podiam produzir, porque o resto eles produziam tudo, né. Então, eles pegavam um saco de milho e botavam em cima da cangalha da mula e vinham a pé puxando o burro, vinham para cidade. Mas não encontravam, às vezes, quem comprasse aquele saco de açúcar. Então, deixavam na casa do comerciante. Ali depositavam para o outro dia. Porque antigamente era que nem a feira livre, o meu pai me contava. Eles iam na praça [Dante Alighieri] vender essas coisas..., milho, feijão, eles iam na praça! Ficavam lá e sem alguém vinha comprar, vinha, senão... Era que nem hoje a feira livre. E [inaudível] porque era longe, imagina! Então depositavam na casa de alguém, né?

Susana: De algum comerciante.

Claudino: É. Então deixavam ali. Depois de uns dias vinham ver se estava vendido aquilo.

Sônia: Então, eu acho que deu, a fita acabou.

Susana: Acabou.

Sônia: O senhor tem mais alguma coisa para falar?

Susana: Que o senhor lembre e que o senhor gostaria de falar, que a gente não lhe perguntou?

Claudino: Eu acho que mais ou menos... Se a gente ficasse conversando...

Nota: Para conhecimento segue abaixo a transcrição do poema de autoria do entrevistado.

POEMA COMEMORATIVO AO CENTENÁRIO DA CAPELA DE SÃO VALENTIM

Autor: Claudino Dal'Alba FG 174

Data: setembro de 1988

I

Quando a pátria não mais oferece
Os meios para nela crescer

Buscam-se outras alternativas
Que fazem a gente prever
O deixar a Pátria-mãe
E em outra terra viver.

II

Assim, há mais de cem anos
 Ao norte da Itália se via
 Uma leva de bravos imigrantes
 Que dos amigos se despedia
 Buscando outra pátria distante
 Com esperanças de chegar um dia.

III

Nos velhos baús a bagagem
 No bolso nenhum coatrim
 Nos olhos traziam as lágrimas
 No coração uma esperança sem fim
 Na alma uma fé profunda
 Mantida viva até o fim.

IV

Começam a longa viagem
 Jogando tudo na sorte
 Sem contar que aquele oceano
 Preparasse algo tão forte
 Mal-estar, doenças estranhas
 E para alguns, até a própria morte.

V

Assim chegaram, um dia
 Na América tão almejada
 Encontrando dificuldades
 Que não eram esperadas
 Mesmo assim não esmoreceram
 E prosseguiram na árdua jornada.

VI

Semearam a primeira semente
 E o fruto da terra nascia
 Tirando dali o sustento
 Para a família que com eles vivia
 Na mesa nunca faltava
 O pão-nosso de cada dia.

VII

Abriram os primeiros caminhos
 Com pá, picaretas e enxadão
 Nas encostas, nos vales e nos montes
 Trabalhando sempre em mutirão
 Cortando longas distâncias
 Para unir cada região

VIII

Construíram as primeiras capelas
 Com muita fé e devoção
 Juntos todos os domingos
 Unidos na oração
 Agradeciam a Deus os bens recebidos
 E pediam a sua proteção.

IX

Cantando as canções italianas
 Nas encostas dos morros se ouvia
 O eco de outras vozes
 Que em cora respondiam
 Tempos que recordam saudades
 Com ânsia de que voltem um dia.

X

Assim as famílias cresceram
 Em número, idade e profissão
 Indo alguns morar na cidade
 Outros em outro rincão
 Sempre alegres cantando
 Velha e linda canção

XI

Recordando aqueles filós
 Que eles sempre faziam
 Permanecem quase esquecidos
 Com esperança que voltem um dia
 Contando as velhas histórias
 Que na memória eles traziam.

XII

A terra que tanto amaste
 Cobriu teu corpo pra sempre
 Mas viva está na memória
 De todos os seus descendentes
 Que a levam com grande saudades
 No coração, eternamente.

XIII

Agora, rezo uma prece
 Reze você também,
 Para aqueles que já partiram
 E foram para o Além
 Que Deus os tenha para sempre
 Na Glória Eterna, Amém.

Transcrição em: março de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 28 de dezembro de 2010, 06 de janeiro de 2025 e 10 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 31 minutos.

Observação: